

CLARICE LISPECTOR – FELIZ ANIVERSÁRIO EM LAÇOS DE FAMÍLIA

Jacques Laberge¹

A literatura ensina aos psicanalistas. Eis, conforme Lacan, a frase merecedora de destaque na “relação/não relação” entre literatura e psicanálise.

Freud aprendeu muito com Dostoiewsky, Goethe, Hoffmann, Jensen, Shakespeare e Sófocles. Outros autores também o interpelaram: Dante, Daudet, Diderot, Heine, Homero, Ibsen, Maupassant, Schiller.

Além da maioria destes nomes, encontramos, na lista dos autores estudados ou referidos por Lacan, Baudelaire, Borges, Cocteau, Gide, Goethe, Hesíodo, Hugo, La Bruyère, LaFontaine, Marivaux, Molière, Montherlant, Poe, Rabelais, Sade, Sófocles, Valéry, Villon, Virgílio. E Lacan consagra mesmo a importância da literatura para a psicanálise quando trabalha três autores em três de seus Seminários: Shakespeare e seu Hamlet de “ser ou não ser o falo da mãe” em *O desejo e sua interpretação* de 1958-59, Claudel e sua “tragédia do desejo” no Seminário *A transferência* de 1960-61 e James Joyce com sua letra além da literatura no Seminário *O Sinthoma* de 1975-76.

Lacan sublinha com Joyce o além da travessia da fantasia. Este além é o “saber fazer com o sintoma”, um saber fazer com o carço real, estrutural, do sintoma. É, por eminente exemplo, a invenção da escrita de Joyce. A falha no ego especular de Joyce, a falha no porte fálico com a identificação ao pai beberrão, tudo isso seria compensado pela invenção da arte da escrita. No fala-ser, a falha na amarração de um dos três registros estruturais, imaginário, simbólico ou real, pode levar a recorrer a algo que sirva de anel de amarração chamado por Lacan “invenção” ou “sinthoma”. A escrita para o escritor Joyce.

¹ Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

É curioso que não é a partir dos chamados por ele “meus neuróticos” (*Les non-dupes errent* em 18.12.1973), mas a partir de Joyce que Lacan dá um passo a mais na clínica. A invenção, o saber fazer com o sintoma, indica algum além da chamada “travessia do fantasma”. Falando de travessia na neurose, trata-se de especificar o objeto que causa o desejo e sua articulação com a neurose de cada um. Identificar este objeto é fácil na neurose obsessiva por se tratar do objeto “fezes”. Difícil é atravessar a fantasia, pois remete à passagem do objeto que tapa o buraco da castração para o objeto que cai e revela a falha, o desejo. Permitam-me agora certas simplificações. Na neurose obsessiva, o menino, frequentemente, é muito amado e, por isso, se acha mais amado pela mãe do que o próprio pai e desenvolve uma rivalidade mortífera portadora de forte sentimento de culpa. Muito amado por produzir umas fezes “fálicas” que provocam inveja e exaltam seu lado sádico-anal. Rituais obsessivos servem a protegê-lo do castigo da morte, efeito da fantasiada “morte do pai”, e, digamos também, da fantasiada morte dos irmãos. Predomina a dúvida entre existir e não existir, entre prender e soltar dinheiro (fezes). A obsessiva “Dona Anita” do conto “Feliz aniversário” de Clarice Lispector nos ensina muito sobre a exacerbação, digamos, de um narcisismo aliado ao predomínio de uma posição sádico-anal.

Sem dúvida, a invenção da escrita de Clarice Lispector sempre nos surpreende. E neste conto “Feliz aniversário”, destaca-se a exacerbação da rivalidade e do ódio pela atitude intransigente da mãe-avó festejada que detesta filhos, noras, netos. Exacerbando rivalidade entre os participantes da festa, ela ama somente um participante, o único neto que tem nome, Rodrigo. Versão masculina dela mesma, a mãe-avó, a única que merece ser amada. Aliás, descobrimos, pelo “descuido” da uma vizinha gritando “Viva Anita”, que ela tem nome.

Das trincheiras de Olaria, em guerra declarada com os irmãos, “o filho da mãe” limitou-se, para o aniversário da mãe, em enviar seu significante, verdadeiro torpedo, a ultrajada, barriguda “nora da mãe”. O vestido dela, competindo com paetês, trouxe de casa seus únicos admiradores, duas filhas “infantilizadas” e o filho, “acovardado”.

Em fila oposta, abrigada por uma barricada de cadeiras, e brigada com a “nora de Olaria”, a “nora de Ipanema” com dois netos da aniversariante e a babá “de boca aberta”.

A mãe-avó mora na casa da filha, a escravizada, revoltada, amarga, sacrificada Zilda. Sem o apoio de ninguém da família, fez o estafante trabalho da preparação da

festa. E, além de arrumar balões, vestira a mãe e lhe borrifara água de colônia para disfarçar seu “cheiro de guardado”. Sim, seu cheiro de guardar rancor.

Na cabeceira da mesa há mais de duas horas antes da chegada das “suaves visitas”, e assim não perdendo o horário, a mãe-avó celebra 89 anos de frustração e desgosto, porque os demais não são iguais a ela, maravilhosa. “Amarga, irônica”, “guardava os presentes”: uma merda! Apreciando o grande presente do dia: a imbecilidade dos filhos.

“Ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira”. “Parecia oca”. “Ela era a mãe”. “A aniversariante piscou os olhos”. Importa a postura que elimina a alegria. Denise Lachaud chama o discurso obsessivo “O inferno do dever”. Deve-se celebrar, então se celebra! E a platéia tinha que reagir à aniversariante, no mesmo nível, limitando-se a olhá-la “de modo mais oficial” e , sobretudo, “com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda” ou “de costas para ela”. “Todos começaram a cantar alto como soldados”. Cantar, obrigação de uma festa séria, da festa-compromisso inescapável. Cantar que não alegra a festejada, mas acorda quem, de tédio, adormeceu: “Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida”.

“Parta o bolo, vovó!” “E, de súbito, a velha pegou na faca” com seu “punho de assassina”, deixando “horrorizada” a nora de Ipanema”. “A velha”, seca, sem afeto, a não ser do ódio, digna sucessora dos obsessivos a serviço do regime nazista, proibindo-se qualquer desvio de alvo, enfia a faca no ventre do bolo. E coroa seu ódio matando todos com palavras : “corja de maricas, cornos e vagabundas!”.

Clarice teve a genialidade de nos mostrar o papel singular de certas mães-avós na exacerbação da rivalidade entre filhos. Quantos exemplos, cada um de nós poderia evocar ! Certas mães conseguem por exemplo, a predominância do entendimento e afeto entre filhos. Mas, às vezes, às custas da família do marido, pai destas crianças. Os filhos se gostam, mas, para isto, devem odiar avós e tios e tias da família do pai. Digo “certas mães” pelo fato de filhos serem colocados como objeto *a*, o objeto causa do desejo delas. Embora os filhos não ocupem este mesmo lugar para um pai, acontece também que certo tipo de pai tenha atitude semelhante: amor aos filhos, ódio aos parentes da família da mulher. Ali, não partindo do objeto, mas do tipo de neurose, pois os homens são mais numerosos no campo dos obsessivos.

Certas mães são comentadas, por exemplo, como sem limites e devendo ser sempre o centro das atenções e dos amores da parte de todos os membros da família. Por isso, estas mães fomentam a briga entre filhos: todos me amam, constata tal mãe, e

todos se odeiam entre si. Os filhos devem odiar-se mutuamente para a mãe ser a única amada. Neste conto “Feliz aniversário”, Clarice Lispector pinta com esmero de estilo um quadro deste tipo de família. O aniversário “tem” que ser feliz. Os participantes são incumbidos da obrigação anual de celebrar, de amar a mãe. Dever semanal, não. Dever, anual, sim. Basta, para exaltar o narcisismo destruidor da mãe-avó. Clarice nos apresentou a mãe-avó obsessiva. Mas, de fato, há mais homens obsessivos, então mais homens emaranhados na aliança narcisismo-posição sádico-anal. As mulheres histéricas são mais numerosas de que os homens histéricos. As mulheres são mais aceitas como histéricas. Mas, não há muito preconceito contra os homens histéricos. Há contra as mulheres obsessivas. Porque, uma mulher, habitualmente, é mais afetiva, carinhosa. Se for do tipo obsessivo, ela não expressa carinho, afeto, de modo espontâneo. Preocupa-se mais com ordem, horário, limpeza. E, injustamente, é chamada mãe desnaturada. Ali, infelizmente, um dos preconceitos contra mulheres.

De resto, cabe ao amado neto, o único com nome, Rodrigo, levar adiante a tocha olímpica da neurose obsessiva !